



MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 08 | AGO. 25

K U N H V Z C R W

R V N D R Q U Z O

V P A C R I S I O

L A E R C I A T F

R E V I S T A A A Z

M A G N E T I C A

T E T I C A C B Q

E C E E I C D F F

U B B O P R R Z L

H R R Z X E T A L

Manifesto

Altura, abertura e profundeza

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

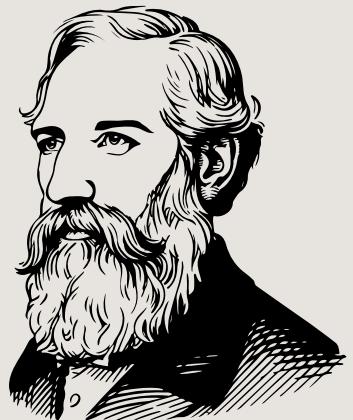
E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Ana Maria Malik. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Renato. Tenho 63 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, jiló, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



A IMANTADA

Sou a Luciana França Bernardino. Descobri cedo demais que as secretárias das escolas não gostavam de usar o Ç, o que me obrigava a me afirmar nas chamadas, dia sim, dia também. “Luciana Franca?” “Presente. É França.” Curioso, que hoje, quando eu não poderia me importar menos que errem meu nome na espera para fazer um exame, as pessoas começaram a digitar o Ç. Talvez, junto comigo, o teclado tenha mudado. Magnética, porque histórias são feitas para serem lidas. Porque histórias existem para serem contadas.



ÍNDICE

A LISTA

Luciana França Bernardino

07

INVENTÁRIO DE NOMES

Renato Guimarães Ferreira

09

DE ONDE VÊM NOSSOS NOMES?

Eliana Bianco

14

MEU NOME É MARIO

Mario Aquino

17

WHAT'S IN A NAME OU UM NOME NÃO É NADA

Ana Maria Malik

19

“JORGE, LA GENTE TE ESPERA...”

Sérvio Túlio Prado Jr.

22

UM TEXTO SEM FIM

Paula Bessa

25

A LISTA

Onde você achou isso? Ah é? Então meu guarda-roupa virou um caça ao tesouro?! Está bem, está bem... Acho que você encontrou um tesouro sim. Como é? Parecem somente nomes para você? Entendo. Mas não é só isso. Deixe eu te contar, senta aqui no colinho do vô.

Eu tinha mais ou menos a sua idade quando meus pais, meus irmãos e eu mudamos de cidade. E, duas ou três vezes por ano, nós voltávamos para visitar a cidade da família da minha mãe, a sua Bisa Lu. Uma dessas visitas foi especial. Foi bem no meu aniversário. A casa do meu Biso estava cheia de gente, eu ganhei um monte de brinquedo, teve bolo, teve torta de chocolate, não parei um minuto. Só teve um problema. Isso mesmo! De visitas você entende, né, querido? Era o nosso último dia. No dia seguinte nós já voltaríamos para a casa, pois as aulas iam começar e eu fiquei triste.

Chorei. Abracei a Bisa Lu e disse que ficaria com saudade de todos, que foi pouco o tempo que ficamos lá e que queria que todo mundo morasse junto: o meu biso, meu vô, minha vó, meus tios, meus primos. Minha mãe me abraçou forte, fez piada sobre serem 24 pessoas morando juntas e me disse uma coisa especial que eu guardei para sempre: “Chorar de saudade é bom. Significa que ali temos amor”

Guardei aquilo e, chegando em casa, pedi a ajuda dela para escrever o nome de todas as pessoas que estavam no meu aniversário. Tá vendo aí no papel? Então, taí o meu biso Bento, a minha avó Luiza, meu avô Paulo; essas duas Marias são as tias da minha mãe, esse é o tio da minha mãe, o Dênis, que sempre fazia churrasco; minha tia Silvia, ixi, tem gente de monte aqui, tem a Patrícia, prima da minha mãe que fazia teatro com ela, tem a Marina, prima que foi cercada por vacas quando era pequena; essa aqui ó é a minha prima, Vanessa, eu lutava sempre com ela quando era criança e ela ganhava sempre de mim; foi esse primo aqui, o Jonas, que me ensinou como é que ele voava. Isso, foi ele que me ensinou a voar. Eu e meus irmãos ficávamos maravilhados. Mas ele só me ensinou a voar quando eu cresci. Tá bom, pode deixar, eu te ensino, te ensino, mas só quando você fizer 15 anos.

Enfim, eu a chamo de Lista Número Um. É a minha lista de saudade. A lista de onde eu tinha amor. Pode voltar lá no armário e você vai ver que tem outras dessas listas por lá. Fiz essas listas a minha vida inteira. O vovô já amou muito e foi muito amado também.

Que bom que você tá convencido de que achou um tesouro. O que será que seus irmãos acharam? Onde eles estão procurando?

Tem papel, sim. Tem ali na gaveta do escritório, pode pegar. Claro que eu te ajudo. O que você quer escrever? Ô, meu querido, me dá um abraço. Lógico que eu te ajudo a escrever o meu nome.

Luciana França Bernardino



INVENTÁRIO DE NOMES

Para minha irmã Eliane, que me ajudou a inventariar todos os nomes e histórias que compõem esse texto de memória.

Gosto do nome que me deram ao nascer – Renato. Ele tem uma alternância entre consoantes e vogais de que gosto e traz embutida a ideia de que ter nascido apenas uma vez não me foi suficiente. Mas acho que tive sorte, pois há uma conduta reiterada e curiosa na minha família de atribuir nomes e apelidos bastante inusitados, criativos e, em muitos casos, bem estranhos. Isso vem de longe.

A começar pelos nomes dos meus avós paternos e maternos: **Marcionílio** e **Donaulina** (é isso mesmo, se quisesse demonstrar respeito e consideração, era necessário dizer Dona Donaulina); **Amador** e **Dorama** (apesar de um nome ser anagrama do outro, não se deram muito bem e acabaram se separando).

Meu avô Amador era um homem digamos animado: amante das mulheres, teve muitos casos extraconjogais. A causa da separação parece ter sido uma mulher chamada Bita e ele trocou a buzina do seu carro para que, ao passar na porta da casa da minha avó, pudesse irritá-la buzinando alto: “biiiiiiiiiiiiitttttttttttaaaaaaaaaaaaaaa”.

Quando passava a pé, minha avó, mulher forte e decidida, se apressava a fechar portas e janelas e depois varrer cuidadosamente a calçada. Nas horas vagas, recortava sua figura de todas as fotos que guardara em que ele aparecia ao lado dela. Habituei-me a ver em sua casa inúmeras fotos com um buraco no meio, no formato da silhueta esguia e elegante do meu avô. Onde antes havia um homem alto, claro, de terno branco e gravata fina, havia agora um vazio, um buraco, uma ausência que se queria definitiva. Era o oco do mundo, seu avesso, sua escuridão.

Percebe-se que era um relacionamento de alta voltagem, com inúmeras histórias (não sei se todas verdadeiras) sobre o comportamento extremamente volátil dele e muito determinado dela. Dizem que no final dos anos 30, quando eles ainda estavam casados, ele se deslocou para o Rio de Janeiro com um amigo na tentativa de encontrar a famosa cantora argentina Libertad Lamarque, que viera ao Brasil para shows disputadíssimos no Cassino da Urca. Hospedou-se no Copacabana Palace, alugou um carro para se mostrar, gastou uma fortuna, mas não sei se conseguiu atingir seu objetivo. Era um homem com esses rompantes românticos, geralmente resolvidos na zona da cidade.

Ela, por sua vez, apesar do nome Dorama, não amava a dor. Era alegre, carinhosa, determinada e muito respeitada. Em plenos anos 50, quando nossa cidade ainda era pequena, saía de casa e ia almoçar sozinha no restaurante do melhor hotel da cidade. Imaginem o alvoroço que essa autonomia causava, mas, dona de si, ela agia como se fosse dona do mundo. À noite, ia para casa para assistir ao Telecatch, programa de luta livre profissional na TV que adorava. Meu lutador preferido era o Ted Boy Marino.

Entre os ascendentes de meu pai, encontrei nomes curiosos como os do tio **Agêncio** (que era dentista prático e atendia nas fazendas da região), tio **Adelino** (pai da **Zilá** e da **Zanira**), do **Doranípio** (cuja fazenda na cidade do Prata visitávamos muito). Ele tinha um irmão chamado **Lee**, que vendia selas para cavalos em uma pequena loja no centro da cidade e um filho chamado Divino. Meu bisavô Zeca morava com ele, assim como minha bisavó Mariinha, que passava os dias fiando na sala com a porta aberta para o terreiro. Acho curioso o fato de que até hoje a cidade é tratada com a inclusão do pronome definido: não se fala cidade de Prata, mas cidade do Prata, seja nas conversas de rua ou na comunicação oficial da cidade. Isso sempre me pareceu deixá-la mais próxima, revelando certa intimidade afetiva, mas também curiosamente menor, como se coubesse inteira dentro de mim.

A água do Prata parece que incentivava a busca por nomes intrigantes como os da **madrinha Persiliана** e da **comadre Laércia**, que por si só me remetem a todas as novelas de época que não assisti. Não sei se era de lá que vinha a **Afra**, filha da tia **Laura**, que era conhecida por falar muito, muito, muito. A Afra tropeçava nas palavras, engolindo algumas e repetindo outras em atropelo, para dar conta de seu recado. Falava mais do que o homem da cobra.

Alguns nomes até eram mais usuais, mas suas histórias peculiares ultrapassavam de longe a rotina dos dias quentes do cerrado mineiro. Como o **João Coincidência**, primo do meu pai, que era mestre em relacionar coisas sem ligação alguma, numa fluência espantosa de nexos sem nexo. “*Quando você, nasceu?*” “*Dia 24 de janeiro.*” “*Que coincidência, pois foi exatamente nessa data que comprei esse chapéu e se você inverter o número 24 terá 42 que é a idade do meu irmão que nasceu também em janeiro, mas em outro dia e outro ano. Além disso, estamos em junho, o sexto mês do ano, sendo 6 a soma dos dois números que compõem o seu dia de aniversário. Seis é a metade de 12, assim como 2 é a metade de 4, havendo aí mais uma coincidência extraordinária. E é interessante saber que João Pessoa nasceu neste mesmo dia, sendo este também o dia em que Winston Churchill morreu. Que coincidências interessantes, não?*”. Eu, assustado com aquela torrente de informações achava que o melhor a fazer era concordar enfaticamente: “*São espantosas mesmo todas essas coincidências...*”

Gosto de lembrar também do **tio Dico**, que foi casado com a **tia Guiomar** e era dentista prático. Era um comunista pacifista, que estudava com afinco e falava com fluência o esperanto. Ele acreditava que o esperanto, essa língua inventada que combinava inúmeras línguas, iria salvar o mundo. Era um homem culto, de fala mansa e altos propósitos. Depois que se separou da minha tia, acho que não se casou mais. Dedicou-se à prática de dentista e ao estudo da língua, morando perto de casa em um lugar marcado em minha lembrança por janelas fechadas e pouca luz.

Por parte da minha mãe, o padrão de criatividade na atribuição de nomes não era mais baixo. **Vovó Buzica** era o nome pelo qual era chamada minha bisavó, que tinha o nome de **Ambrosina** (nome também de uma das filhas de outro tio, o tio **Xandico** e que, para se diferenciar da primeira chamávamos de **Prima Buzica**). O tio Xandico tinha uma irmã que se chamava Alexandrina, mas que era conhecida por tia **Xandica**. É impossível lembrar-se dela e não se lembrar de seu jardim de antúrios vermelhos e brancos que enfeitavam as casas da família toda. Íamos com frequência lá, a pedido da minha mãe, buscar flores para colocar na jarra da mesa da janta (ninguém falava jantar).

Além deles, havia também o tio **Alencar**, mais conhecido como o **tio Lencas**. Era um personagem curioso com uns óculos escuros com lentes de cor laranja, que sempre aparecia e ia contar suas histórias no quintal, enquanto podava a jabuticabeira para minha mãe. Ele costumava passar por nossa casa ao sair do Cine It, que ficava a algumas quadras de lá, e que era o cinema da cidade que passava filmes pornográficos que ele admirava muito. Fazia elogios desbragados à atuação das atrizes e ao enredo dos filmes. Ele sempre me chamava de lado para mostrar monóculos, que trazia nos bolsos largos, de mulheres peladas, possivelmente atrizes daqueles mesmos filmes de que ele gostava tanto. Aquilo me assustava um pouco, eu era muito jovem e sem noção, mas ele fazia isso com todos os sobrinhos e se divertia com a empolgação dos mais velhos e o desarranjo dos mais novos.

Tínhamos um tio-avô que morava em Monte Alegre, cidade associada na minha cabeça a abacaxis e dezenas de bancos de alvenaria na praça principal, todos virados para a concha acústica onde havia apresentações regulares de músicos da cidade. Seu nome era **Acrísio** e ele tinha uma neta que provavelmente foi a primeira pessoa de toda a família a andar de avião. Era artista plástica e foi algumas vezes para a Europa “nas asas de um Boeing”, como dizia ele. Isso deve ter acendido sua imaginação, fazendo-o contar muitas histórias fantasiosas que invariavelmente envolviam aeromoças. Ele era conhecido por mentir muito, mas muito mesmo – falava sempre em superlativos. Ele ria à larga quando contava, repetidas vezes, a piada infame: “Minha neta é pintora e todos sempre me perguntam se eu também pinto pra fora.”

Fiquei muito feliz quando encontrei, entre os nomes dos parentes deste lado da família, algo que parecia mais normal diante da avalanche de **Olmira, Palmiro, Valico, Candoca** e tantos mais. Lembrei-me de um tio chamado Celso e fiquei, por pouco tempo, aliviado. Contaram-me que ele tinha um apelido que navegava tranquilamente nos salões da família: **Boi do Cu Branco**. Não tenho ideia de onde veio o apelido, sendo que a única tentativa de explicação que me deram é que ele, meu tio, era muito branco. Não me convenceram, mas não encontrei uma justificativa alternativa. Uma história estranha cerca sua memória para mim também: contaram-me que sua esposa, em uma viagem da família à praia, simplesmente desapareceu. Não se sabe o que ocorreu, mas nunca mais a encontraram ou ouviram falar dela. Seu corpo não foi localizado, notícia alguma foi encontrada. Ela simplesmente escafedeu-se.

Vocês devem estar completamente perdidos no meio desses nomes e histórias todas. Não se preocupem: na minha cabeça, isso também se acomoda com dificuldade, eu me perco nos vínculos familiares e faço associações descabidas entre ramos da família estendida que nem se conheciam. Meu ponto, na verdade, não era o de estabelecer um registro definitivo das relações de parentesco, mas simplesmente fazer um inventário dos nomes que permearam minha infância e que só recentemente passei a estranhar. Era tudo muito normal e isso talvez seja o mais estranho da história toda. Esses nomes simplesmente existiam, entre mangas, abacates, figos e goiabada cascão com queijo dos dois lados.

Acho importante anotar que a palavra **inventário** tem um sentido mais formal de registro, agrupamento e organização de bens de diferentes tipos, que pode ser imensamente ampliado por ela conter em si a palavra **inventar**. Fico curioso em saber de onde vêm todos esses nomes que parecem rir de si próprios. É possível que sejam o resultado de ruídos na fala, de malcompreendidos na escuta (como me parece ser o caso da minha avó Donaulina), de equívocos na escrita, de impulsos poéticos para a combinação de nomes de que se gosta ou ainda de um desejo de se instaurar o novo por meio de um nome que nunca se ouviu antes. Há nomes que inventariei (e não inventei) aqui que encontrei uma única vez na vida, associados a uma pessoa que, sendo única, se fez mais única ainda, não tendo jamais um homônimo para chamar de seu. Também de nomes se constrói um mundo.



DE ONDE VÊM NOSSOS NOMES?

Quando éramos pequenos, meu irmão tinha um livro da Ruth Rocha chamado Marcelo, Marmelo, Martelo. Algum parente lhe deu de presente, provavelmente porque ele se chama Marcelo. Nessa história, Marcelo, o personagem, questiona os pais sobre o nome das coisas: Por que ele se chama Marcelo? E por que não Marmelo? Ou Martelo? Por que a bola chama bola?

- Porque é redonda, eles respondem.
- Mas e o bolo? E o bule? E a bala? - Dispara o pequeno Marcelo.

Ele então, indignado, resolveu inventar uma língua própria: O cachorro virou Latildo, a sua casa era a moradeira. Leite era suco de vaca, cadeira, sentador. E cumprimentava as pessoas com Bom solário e Bom lunário...

Um dia, houve um incidente e o menino, ao se comunicar nessa língua que ninguém conhecia, não se fez entender e, bem.. o resto você vai ler lá no livro da Ruth...

Lembrei dele quando surgiu o tema da revista desse mês: Nomes. Nome serve pra identificar algo ou alguém. E aí me lembro também de outro episódio, quando na faculdade de direito, o professor de Direito Civil nos trouxe uma lista de nomes esdrúxulos que já foram registrados em cartório:

América do Sul Brasil de Santana
Colápsio Cardíaco da Silva
Dezêncio Feverêncio de Oitenta e Cinco
Marciano Verdinho das Antenas Longas
Padre Filho do Espírito Santo Amém
Um Dois Três de Oliveira Quatro
Vicente Mais ou Menos de Souza...

E outros tantos cuja cacofonia me sugere não mencionar...

Quando pequena não gostava do meu nome... Até porque todo mundo errava. Até professora, amigos e parentes - e ainda hoje erram. Minha mãe dizia que meu nome vinha da cantora e atriz Eliana Pittman, que segundo ela, era famosa quando eu nasci. Bom, certo é que sua fama não me ajuda com o nome, pois todo mundo sempre me chamava de Eliane, Elaine...

O nome da minha filha foi escolhido num sonho. Ainda namorava meu futuro esposo quando assistimos ao filme Dr. Jivago. Dias depois, eu sonhei que chamava uma garotinha pelo nome de Lara... Quando acordei contei a ele meu sonho e ficou decidido que, se um dia tivéssemos uma menina, se chamaria Lara. E assim foi. Tanto que, nunca chegamos escolher nome para menino. Meu marido até brincava que, se fosse menino teria que chamar Pedro de Lara, pois não tínhamos outro nome...

Eu achava que seria um nome bem diferente. Até então não tinha ouvido muitas Laras pelo caminho. Mas, o Fausto Silva teve uma filha alguns meses antes e chamou de Lara. Aí o nome se popularizou... Hoje é difícil ela entrar numa sala de aula onde não tenha uma xará... todas da mesma geração...

Assim, como tivemos a geração dos Enzos, dos Lucas, das Patrícias, das Helenas, Sofias... É, parece que o nome personaliza menos do que deveria...

Talvez se pudéssemos escolher nossos próprios nomes, algo que realmente nos distinguisse... Teríamos que trocar de nome várias vezes ao longo da vida... já pensou a confusão?

Só mesmo no mundo do pequeno Marcelo, onde os pais, com respeito e compreensão, conseguiram encontrar um final feliz.

Eliana Bianco



MEU NOME É MARIO

Meu nome é Mario. Mas esse nome nunca foi apenas um — ele se multiplicou em camadas, ecos e disfarces ao longo dos anos.

Primeiro fui Mario Filho, porque meu pai era Mario Bernardo. Carregava no diminutivo uma herança, quase uma sombra. Depois, ainda na infância, me confundiram com Dario — meu quase duplo no Ofélia Fonseca, um menino arteiro que parecia me perseguir como uma nêmesis involuntária.

Na mesma época, outro apelido me colou à pele: Gordo. Veio de um colega carioca e do livro *O Gênio do Crime*. Palavra pesada, que feria fundo e pesava ainda mais na minha já frágil personalidade. Quando, na oitava série, a dieta me afinou, o corpo mudou, mas a luta contra a obesidade seguiu comigo, constante companheira.

No Colégio Bandeirantes, no primeiro ano do ensino médio, virei apenas um número: 34 da 118. Um rosto perdido na multidão. Mas, no segundo ano, encontrei a minha turma — gente tão estranha e deslocada quanto eu, que inventava apelidos como quem inventa mundos. Foi aí que nasci de novo: Marieta. O batismo veio do Dalba, em homenagem a um crush meu das férias de 1984. Engraçado, afetivo, íntimo. Logo virei também “Marietinha” - até minha namorada me chamava assim - e, tudo bem: era carinho travestido de riso.

Depois, a universidade me apagou em números gigantescos: 6.987.236 na São Francisco, um anônimo entre milhares. Na FGV, a metamorfose continuou: ora Mario, ora Marião, graças ao saudoso PH Cazuza, conforme os afetos e as dores. No meio do curso, fui me perdendo nos altos e baixos das agruras dos afetos não correspondidos. Tornei-me um anônimo apagado. Mas, acabei me encontrando na política e no movimento estudantil. E lá pelo fim do curso e quase entrando no Mestrado, o mestrando veterano André Lucirton me reinventou como “Marinho Vermelhinho”, um Daniel Cohn-Bendit do Bexiga. O diminutivo pegou, e por todo o mestrado eu era apenas Marinho — exceto para o Sérvio Túlio, fiel ao velho Mario.

Quando me tornei professor, os nomes ganharam solenidade: Professor Mario Aquino, com o sobrenome materno atrelado ao nome próprio. Mas até aí surgiram variações inesperadas — houve quem me chamassem de Manequinho, lembrando a estátua belga de Bruxelas. Resignei-me: paciência, afinal nomes sempre escapam do nosso controle. Hoje, sou também papai. E, em casa, Bubu.

Carrego todos esses nomes e alcunhas em mim. Cada um é uma fresta por onde os outros me viram, uma lente através da qual me reconheceram ou reinventaram. Não há um só Mario — há camadas, ecos, apelidos e apelidos de apelidos.

E, no fim, talvez seja justamente isso: meu nome é Mario. Mas nunca só Mario.



WHAT'S IN A NAME OU UM NOME NÃO É NADA

Cansei de ser só. Vou aproveitar as redes sociais do século XXI para, utilizando as mensagens de ética de Tim Maia “minto só um pouquinho” e, seguindo as sugestões de minhas amigas, me colocar num aplicativo de encontros. Quanto à(s) foto(s), consta que existe uma varinha mágica, chamada filtro, que poderá me ajudar a melhorar minha imagem. Então agora me resta dar asas à imaginação e começar a buscar um nome e um perfil.

E assim, por exemplo, claro que Julieta não seria um bom nome, porque fica óbvio que procuro um Romeu. Preciso talvez escolher uma idade primeiro, para ter um nome compatível. Ou seja, se eu tiver uns 40 anos, estavam em alta na época, devido às novelas, os nomes Gabriela e Isaura, por exemplo. E as atrizes correspondentes, Sonia e Lucélia. Será que quero associar meu nome a uma pessoa escravizada ou a uma alma livre? Gabi é um apelido que me agrada. Uma colega de trabalho, de nome Gabriela, de seus 40 e poucos anos, tem um currículo invejável e uma beleza nada ortodoxa, tem personalidade e é uma bela defensora dos direitos das mulheres. Sapatos muito difíceis de calçar, mas dá para considerar. Desde que eu não desenvolva uma personalidade loira, que não combina nem com o cravo e ainda menos com a canela. Por outro lado, Raquel, Cecilia e Rita seriam, para mim, psicologicamente fragilizantes. Mamãe, vovó, titia....não obrigada, ficaria com a consciência ainda mais pesada do que já é.

Martha poderia ser um bom nome. Tive uma coleguinha de quem gostava muito no primeiro grau. Em sua casa provei doce de leite por primeira vez, talvez aos 7 ou 8 anos. Recentemente tenho outra amiga que traz este nome. Empresária, competente, bem-humorada, esposa, mãe, trabalhadeira, eloquente...Conversando com ela, aprendi que seu nome significa “do lar”. Vai que o usuário da rede social me processa num segundo momento por propaganda enganosa? Ela já me disse que considera que sua mãe não sabia do que estava falando quando lhe atribuiu este prenome.

Capitu? Embora eu beba (socialmente, claro) e quem sabe tenha olhos de ressaca, talvez fique meio óbvio que se trata de um pseudônimo (heterônimo? Codinome?). Pior...eu gostaria que o(s) eventual (is) interessado(s) soubessem o suficiente para se preocuparem com o fato de que poderia trair. Ou não? Poderia ser um critério de aceite ou de recusa, ou de match ou não. Puxando o fio da traição, Ema seria possível? O substantivo comum remete a uma ave, pernalta aliás, que não voa. Muitas Emmas em inglês são talentosas e famosas (pelo menos as mais conhecidas). E esse nome ainda remete à cultura geek, pois de fato saber o nome da filha de um casal de personagens de um sitcom estadunidense é talvez gastar espaço do cérebro com bobagem. Para quem não sabe, estou citando Friends. Tudo isso - ah, como é difícil fixar uma ideia e segui-la! - começou, começou a partir da francesa Madame Bovary, com a qual eu não acho que gostaria de ser comparada. Em português o nome próprio significa universal e sua origem é germânica, provindo de Ermengarda. Também não será esse.

Que tal começar pelo perfil, então? Deixar o nome – como num texto, o título – para o final? Quais seriam os meus hobbies ou opções de lazer? Para ler, precisa ter tempo e disposição. Que tipo de literatura? Em 2025 acho que gostar de leitura seleciona uma determinada faixa etária (principalmente se colocar livros em papel). Ler a Magnética poderia ser um requisito? Ainda para poucos. Selecionar uma faixa etária significa limitar ou segmentar o mercado, numa fase em que eu quero mudar de estágio. Mas não sei como se coloca isso num perfil de sites para encontros. Até mesmo a mentira tem limites.

Voltando aos possíveis interesses em horário de lazer, que tal fazer trilha? Imaginariai uma mulher aventureira, uma Diana caçadora ou Valentina guerreira? Difícil será se num primeiro encontro me couber escolher um passeio de aventura. Terra, lama, insetos, animais. Não é para mim. Na academia onde eu treino (será que essa é uma frase para perfil?) há duas professoras Camila(s). Ambas bonitas, cordatas e, claro, esportistas. Além disso, têm uma característica que eu não tenho, a flexibilidade. Mas o que eu faço com a rainha Camilla Parker Bowles? Ela tem fãs e detratores, mas não se pode negar que ela teve a paciência de uma Penélope até conseguir formalizar e tornar público o seu amor pelo seu príncipe encantado (aliás, príncipe real e de fato), que não tem/tinha nada de Ulisses, pelo menos para o senso comum (porque encantos secretos todo mundo deve ter, o mundo que os encontre, acredito eu).

Dizer que gosto de música ou de dançar pode significar que sou uma mulher que requer gastos. Mesmo que eu não espere, hipoteticamente, que o cavalheiro me convide, pelo menos a parte dele do ingresso para o local ou espetáculo eu posso esperar que ele pague. E se não se tratar de um cavalheiro, mas de uma cavalheira, se eu estiver na vibeatual, disposta a tudo e dentro da cultura woke??? Como lidar com respostas que me surpreendam? Eu não tenho (pelo menos ainda) uma cabeça aberta a qualquer possibilidade (ou a todas elas).

Voltando a Shakespeare, de quem roubei o título deste texto, de fato uma rosa continuaria a ter o seu perfume caso tivesse outro nome, desde que fosse uma rosa perfumada. Nome e sobrenome, será que é possível uma combinação que satisfaça numerologia? E deixe sua dona linda, feliz, procurada e que outros mais adjetivos haja? Na realidade não sei, na ficção talvez fosse possível criar um nome e uma personalidade que desse conta de uma outra dimensão. Mas uma dimensão de Oz, mais próxima do país das maravilhas ou até do final do arco íris. Alice, Dorothy, Judite... quantos nomes, quantas opções, vou continuar sendo Ana Maria, ter a minha idade e me manter fora dos aplicativos. Afinal, é com isso que estou acostumada, mais fácil, já que, afinal, não estou pronta a estar disposta a tudo.

Ana Maria Malik



“JORGE, LA GENTE TE ESPERA...”

Pensei e meditei longos dias... Consultei os Magnéticos Hesitei na hora de pôr o título. Mas no final optei pelo caminho tradicional, que me obriga a explicações adicionais.

- “Jorge, la gente te espera...”

A frase deve ser lida assim como foi tantas vezes pronunciada, com sotaque espanhol, o melhor que o portunhol de cada um permita. Algo como “Rhorhe, la rhente te espera...”, tal como me foi aconselhado em magnética e sábia resposta em nossa última reunião de pauta. Chequei no ChatGPT sobre o alfabeto fonético que usam os linguistas e descobri muitas coisas: que foi criado no séc. XIX para reproduzir de maneira padronizada todos os sons passíveis de estar presentes em todas as línguas do mundo. “Todas as línguas” vejam isso! Todas as línguas faladas mesmo, por humanos, pessoas como eu e você aqui...

É que eu também tenho fascínio por essas chaves que se querem universais, assim como o Tio Dico e o Esperanto que, entre toda aquela gente de tamanha interessância, tão lindamente descrita pelo Renato no seu texto desta edição, foi com quem mais me identifiquei.

Bom, a verdade é que o alfabeto fonético, assim como o Esperanto, não é tão universal quanto os seus criadores gostariam que fosse. Babel tem se diluído nos nossos tempos de IA, mas segue a nos separar. Ou a juntar só quem realmente tem a boa vontade e a devida atenção para se entender.

De qualquer forma, em alfabeto fonético internacional ficaria assim:

- 'horxe la 'hente te es'pera (América Latina)
- 'xorxe la 'xente te es'pera (Espanha)

Foi só depois de escrever aqui que pensei no caminho mais simples: basta colocar a frase em qualquer aplicativo de tradução e acionar o áudio ... sigo aqui atônito com a minha falta de praticidade, mas, no fim, é sempre bom a gente aprender algo novo, não é? Mesmo que seja por caminhos mais longos e nem um pouco pragmáticos.

E para que tudo isso? Primeiro, para o meu texto dessa edição não ficasse muito curto, o que seria um vexame. Depois, para que se entenda claramente como se passou a situação que é, de fato, meu tema do mês.

Eram lá os primeiros meses da pandemia, uma dureza... Ainda assim, foi um período de oportunidades profissionais importantes para mim. A metodologia de treinamento com a qual trabalho havia sido rapidamente convertida para o formato on-line e a demanda por programas assim, dadas as restrições da época, explodiu. Em dois anos, foi algo certamente para mais de 20 turmas, 400 pessoas, empresas do Peru, Colômbia e Chile, mas com participantes de quase todos os países da América Latina.

Muito bem, a facilitação ocorria, claro, em regime de home-office, que era home, mas não era office. O layout da casa fazia com que o meu lugar de trabalho se comunicasse com todos os demais cômodos, todo o tempo... oito horas por dia, quatro dias por semana, toda a gente da casa por ali sem ter para onde fugir a não ser os próprios quartos.

Numa facilitação escuta-se muito, mas não se fala pouco. Além das preleções e comentários, há as instruções. Particularmente em relação à metodologia, as turmas mudam, mas o conteúdo não. Para quem ouve, é uma repetição diária quase em loop, um verdadeiro “dia da marmota” como no filme “Feitiço do Tempo” da Sessão da Tarde, lembram?

Há um momento específico na dinâmica do treinamento quando os participantes são alocados a grupos de discussão (break-out rooms do Zoom). A plataforma envia um convite que, ao ser aceito, faz com que cada um dos presentes seja enviado a sua respectiva sala de trabalho. Quem realmente está atento, aceita imediatamente. Quem não está, precisa ser chamado... sempre há duas ou três almas perdidas, inevitavelmente com suas câmeras apagadas, nesse estágio da purga digital de cada um de nós. No caso específico aqui dessa história, a deles e a minha.

O facilitador então tem de chamar essas pessoas pelo nome, lembrando-as de aceitar o convite para reunirem-se com seus companheiros de treinamento em seus respectivos grupos. A maioria, ao ter seu nome chamado, responde rápido... mas há os que não. E então o facilitador tem de insistir.

Jorge é um nome comum na América Latina. Eu arriscaria dizer que toda turma tem um Jorge. Dada essa realidade estatística, Jorge era um nome que se repetia com frequência nesses chamados, que acabavam por se parecer muito, aquelas chamadas de aeroporto:

- Rhorhe, la rhente te espera en grupo 1.

E na tarde do mesmo dia:

- Rhorhe, la rhente te espera en grupo 4.

E no dia seguinte:

- Rhorhe, la rhente te espera en grupo 3.

Era o que eles escutavam em casa, repetidas vezes, repetidos dias. Eram Rhorhes diferentes, mais àqueles ouvidos confinados, parecia ser sempre o mesmo que não aparecia.

E surgiu então a piada interna – “esse Rhorhe não quer mesmo nada com esse treinamento”, “porque gastam essa grana com esse Rhorhe?”. Rhorhe, aqui em casa, virou até sinônimo de facilitação – “vai ter Rhorhe essa semana?”.

Acaba a pandemia, passam-se os anos. Sala de treinamento da fábrica de um cliente no litoral norte do Peru. Vejo em uma das mesas o nome Jorge na etiqueta de identificação – aquilo que ganhou o apelido de toblerone - já preenchida. Imagino que Rhorhe foi o primeiro a chegar e escreveu seu nome no toblerone da mesa e brinco então, pelo whats, com o povo de casa - “Rhorhe veio!”

Dia seguinte, depois de perceber que os nomes tinham sido preenchidos previamente pela turma do RH...é, Rhorhe não tinha vindo.



UM TEXTO SEM FIM

What's in a name? That which we call a rose
By any other name would smell as sweet;
Romeo and Juliet by William Shakespeare
(Act II, Scene II — the famous "balcony scene").

Larissa, Lúcio, Tales, Mauro, Samira, Calixta, Thalita, Tadeu. Todos esses nomes, todos eles, eram o Bud, o Nani ou o Waly. E ele atendia a cada um como se fosse o único, sempre que a gente chamava.

Bud, de Budweiser. Quem o batizou já tinha outros dois cachorros: a Tequila e o Uísque. Eu adoro Tequila. Gosto de Uísque. E por isso nunca entendi por que, depois deles, viria o nome de uma cerveja ruim. Ficou Bud nos cadastros e em outras formalidades.

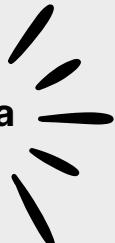
Hoje faz um mês que ele morreu. E eu sinto muito... muito mesmo. Se antes, eu já não sabia descrever exatamente onde eu começava e ele terminava, agora, então... me custa muito qualquer tentativa. A sensação é de que pertencíamos... claro, muito antes do resgate... um ao outro. Assim como qualquer uma dessas paredes pertencem a esta casa. E era aqui, dentro dessa casa, entre essas paredes, que nós habitávamos. Nani foi. Paula ficou.

E como isso é possível?

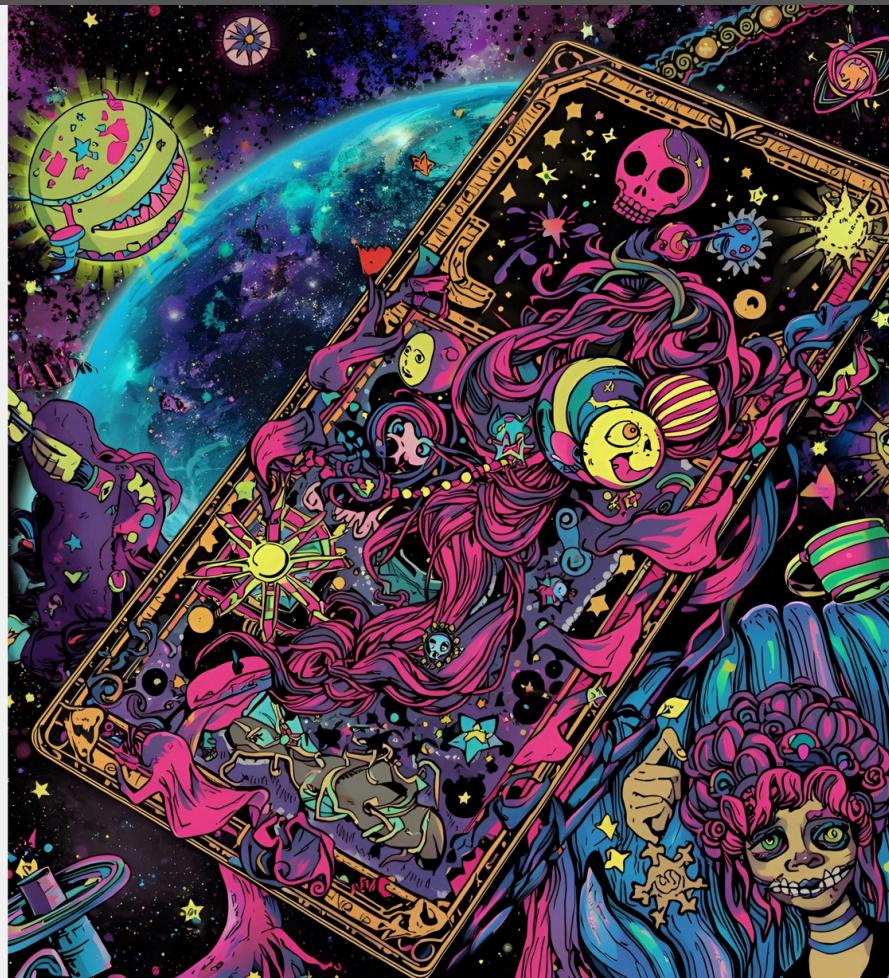
O que era um virar dois?

Talvez o fato dele atender a tantos nomes já anunciasse que existia mais de um? Ou talvez anunciasse a indiferença dele pelas tantas formas que eu agora não sei como enterrar?

Paula Bessa



INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES



MAGNETICA

